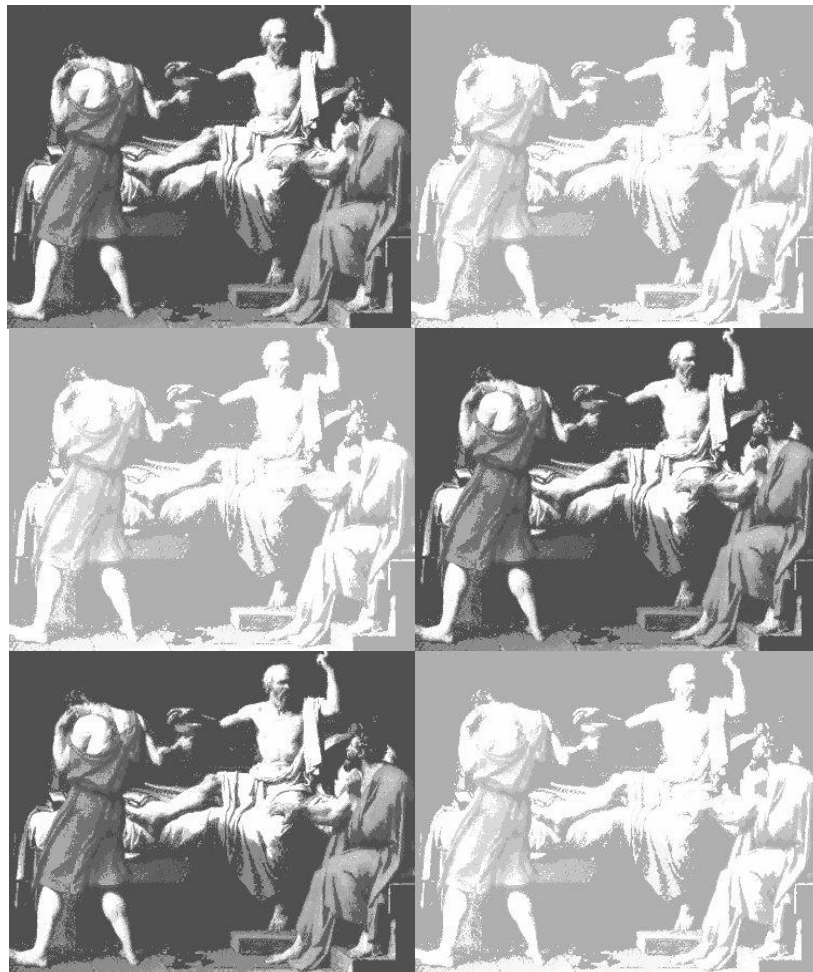


Um certo SABER de Sócrates e o não-saber do ANALISTA.

Seminários em Fortaleza  
29-30 de maio de 1996  
Paulo Roberto Medeiros



Cadernos do Traço N° 3

**Traço** Freudiano **Veredas** Lacanianas  
Fundado em 1992

Instituição **convocante** para a Reunião **Lacanoamericana** de **Psicanálise** e para **Jomada** Freud -  
**Lacanianas** de Psicanálise

*Alguma coisa que se assemelha ao amor,  
é assim que se pode, numa primeira aproximação,  
definir a transferência.*

Lacan

[...]e é justamente a partir do fenômeno chamado transferencial que nós podemos trabalhar e fazer surgir o sujeito, *sujeitado* ao inconsciente, e *isso* através da palavra. Talvez vocês até tenham achado a proposição desse título muito pretensiosa, versando sobre o saber de Sócrates e o não-saber do analista. Afinal, de que se trata? Em primeiro lugar permitam-me esclarecer-lhes o seguinte: eu distingo análise de Psicanálise. Análise pessoal é uma coisa, Psicanálise é outra. Às vezes se torna um pouco difícil para mim falar sobre Psicanálise. Isto porque a gente se habitua somente à análise, além de limitações próprias no domínio do discurso psicanalítico, o qual, no entanto, considero como objeto privilegiado do desejo para o analista, seu objeto *a*. Há momentos, no entanto, como estes, quando se requer uma palavra por parte do analista sobre a Psicanálise. Uma palavra que se distinga de algum modo da aprendizagem da Psicanálise, que, a mim, me parece ser um saber adquirível, seja nas livrarias, seja nas universidades, enquanto campo de ensino e pesquisa, distinto do de formação. Mas a transmissão da Psicanálise, aliada ao seu ensino e à sua teoria em instituições específicas, se constitui num campo muito singular, muito particular, que é o campo da própria análise de cada um, fundamento para a formação analítica.

Acredito que vocês conheçam um texto muito bom sobre Psicanálise, de Anika Lemaire. É uma das melhores introduções que eu conheço ao pensamento de Lacan e há ali, num dos raros momentos de sua escrita sobre trabalhos a seu respeito, um prefácio seu sobre um estudo de seus próprios *Escritos*, observando na ocasião, em 1969, uma certa admiração diante de tal interesse por seu trabalho na forma de defesa de tese universitária, devido a que ele considerava não ser seu ensino muito afeito à universidade, às teses universitárias, por ser fundamentado numa forma de pensar antitética. Ou seja, se nós entendermos por antitética alguma coisa que não busca propriamente uma síntese dialética, mas, enquanto possível, contenha uma forma que ele denominou por *lógica de borracha*. Tanto que, muitas vezes, o pensamento de Lacan se torna um pouco mais, digamos assim, difícil de compreensão, porque ele utilizou de algum modo daquilo que na teoria se torna, ao meu ver, muito difícil de formular, mas que foi apreendido por Freud no seu texto *A interpretação de sonhos* da seguinte forma: há, num determinado momento, um comentário, no qual ele chama a atenção dos seus leitores para o fato de que nos sonhos não há conjunções. Vocês já pensaram nisso? Não há conjunções nos sonhos! Eu não sei se vocês já tinham se dado conta disso. Mas isso me chamou muito a atenção, porque, afinal de contas, nós conseguimos elaborar nosso pensamento quando transmitido através da palavra, formando um discurso - como o que eu estou tentando apresentar aqui neste momento - com o uso de conjunções. Como imaginar um discurso, uma tese, algum escrito sem conjunções?

Nós poderíamos dizer também que não há pontuação nos sonhos, e podemos nos indagar se não foi um tipo de lógica dessa natureza buscada por Lacan durante toda a sua vida, incessantemente, até próximo a morrer, já meio gagá, tentando dar nós em barbantes, desfazer nós, refazê-los, nos parecendo à procura de uma articulação tão bizarra. Por que ele era tão tomado por isso, por essas questões lógicas? Foi um fenômeno que o conduziu até o final da sua vida, até os dias finais, brincando com seus cordões coloridos. Ele se perdia às vezes, parava de falar, silenciava, como se buscasse, alheio, um novo enodamento. Difícil para aquele público que o acompanhava há tanto tempo reconhecer que afinal ele já não conseguia compor muito bem suas próprias conjunções, e mais difícil ainda deve ter sido para aqueles que não o conheciam desde suas primeiras elaborações. Mas ele continuava, teimosamente, a tentar elaborar sua lógica, premido pelas contingências dos primeiros tempos, o das psicoses. E ele

continuava seu trabalho, re-elaborando seus símbolos, os que recompôs a partir dos que aprendeu a usar com a lingüística, a antropologia, a filosofia, a lógica, a matemática e a topologia. Isto é, ele tentou, no fim, escriturar nós, as tranças do inconsciente.

Quanto às suas próprias conjunções, vocês devem se lembrar, por exemplo, que ele fez coisas assim [... *Desenho no quadro*: < >, <>, como na fórmula da constituição do fantasma,  $\$ \langle \rangle a$  ...], como pontas de flecha, mostrando a conjunção e a disjunção na referência fantasmática do sujeito em relação ao objeto. Então, já ali ele tentou de algum modo, ao nível daquilo que seria antitético, o que seria uma aposição de opostos. Elaborou alguma coisa diferente, seguindo as pistas de Freud. São elaborações dessa ordem que sempre tentamos compreender. Eu devo confessar a vocês não aspirar de modo algum à genialidade de alguma coisa nova, mas tão somente tentar compreender, no meu cotidiano, como se torna possível conduzir uma outra análise a partir da própria análise e com aquilo que se possa compreender do que Freud fez, e do que Lacan tentou compreender em Freud. Então, resta-nos a leitura da letra de Freud e a leitura da letra de Lacan para ajudar-nos a dar conta da experiência. Mas nada disso será suficiente para permitir a condução de uma análise não havendo uma análise pessoal. Daí a imparidade, a singularidade, a ênfase que deve ser dada à análise.

Foi por isso que comecei a lhes dizer alguma coisa, afinal de contas, do que é, do que se trata nesse fenômeno tão singular, o transferencial. Daí, então, sugerir para vocês tentarmos pensar um pouco sobre o assunto a partir de Sócrates, relendo alguns diálogos de Platão, começando por um trecho de um diálogo chamado *Lisis* ou *da amizade*, como traduzem. Então ali, logo no início, há uma passagem em que Sócrates, conversando com um dos adolescentes de Atenas, lhe teria dito mais ou menos o seguinte: *Sabe, eu sou um homem medíocre e até sem qualidades* (teria sido a inspiração para o título do livro *Um homem sem qualidades*, de Robert Musil?), *sem pretender saber, mas fui favorecido pelos deuses com um dom. É o de saber reconhecer o que é o amor, saber reconhecer infalivelmente, ali onde se o encontra, onde está o amante e onde está o amado. Em que posição se encontram.* Que privilégio, hem? Ao primeiro olhar!. Então ele coloca isso como sendo uma dádiva, um dom dos deuses. Mas coloca isto num saber, isto é, num discurso, sendo muito categórico nisso. Está no contexto da leitura que Lacan fez, num seminário sobre a transferência, d'*O Banquete* de Platão. E eu gostaria muito de poder entusiasamá-los para a leitura de certos textos da filosofia que são importantes para o nosso trabalho de analistas. E ali no texto *O Banquete*, Platão reuniu figuras representativas da Atenas de então, representativas do mundo cultural ateniense. E, no decorrer de um banquete, é tratada a questão do amor. E depois de alguns discursos sobre o tema, lá pelo fim do banquete, após o discurso principal, que foi o de Sócrates, chega uma personagem meio bêbada, Alcibiades, chegando histericamente, roubando a cena, dirigindo-se a Sócrates, para tentar ali, naquele momento, fazer-se reconhecido pelos demais como sendo o *amado* por Sócrates. Coloca-o neste lugar, de *amante*, e coloca-se no lugar de *amado*. Sua entrada em cena parece conter uma certa finalidade, que seria a de colocar à prova o discurso que Sócrates acabara de proferir, um discurso que remeteu o tema a uma outra cena através da palavra de uma personagem mítica, Diotima, *a fala no feminino. O mythós leguein*, um dizer sobre, ainda não constituído enquanto *epístêmei*.

E é interessante recriar a cena em que Sócrates, naquele momento, face àquela relação dual, diante daquela relação imaginária provocada por Alcibiades, a desloca, re-situando-a numa direção inversa à pretendida por aquele que lhe demandava amor. Não sei se vocês estão lembrados ou conhecem - acredito que sim - aquele esquema chamado *esquema L* elaborado por Lacan. Conhecem, não é ?, no qual ele destaca a relação imaginária para, a partir dela, estabelecer uma outra, simbólica. Do semelhante, Alcibiades no caso, o outro, o pequeno outro, Sócrates, aplicando a coerência do discurso que pronunciara, no qual remetere-se à palavra do grande Outro, no caso, à palavra mítica, através de Diotima, personagem inventada por ele, invertendo a posição das falas que se deveriam seguir à de Alcibiades. Pois bem, às vezes podemos achar que sujeitos como Platão e Sócrates chegaram tão pertinho do inconsciente, tangenciaram-no, estiveram perto pela via do Simbólico. Isto porque houve uma virada no discurso filosófico, sobre a natureza para o ser, sem a qual não seria possível a concepção moderna de sujeito. Mas foi preciso esperar mais dois mil e quatrocentos anos para que o inconsciente fosse nomeado por Freud. Naquela época Platão deu um nome ao *isso*, ele

chamou de *Eros*. E também indicou uma dialética, a dialética do *erastes* e do *erômenos*, do *amante* e do *amado*. Como estiveram perto, não é mesmo?, daquilo que a gente faz hoje em análise. Penso que reler sempre esses textos ajuda um bocado no nosso trabalho, para que a gente consiga fazer esse deslocamento numa situação analítica, o de uma relação imaginária a uma relação simbólica. Freud sacou isso. E de uma maneira que eu acho muito próxima da de Sócrates e de Platão.

Ele afirmou em *Um estudo autobiográfico*, quando fez então seus relatos de como chegou à psicanálise, num determinado momento, o seguinte: depois de uma seção de hipnose - quando ainda usava hipnose - uma das suas mais dóceis pacientes abraçou-o. E Freud, assim como Sócrates havia feito face a Alcibíades, pensou: mas não pode ter sido pelos meus atrativos, não foi por atrativos pessoais que aquela paciente fez isso. E aí, naquele momento, escreveu Freud, eu entendi o que havia de misterioso para além da sugestão hipnótica, abandonando então o método hipnótico. A hipnose pode ser considerada no âmbito do discurso da medicina enquanto sugestivo. Naquela época Freud trabalhava o que ele chamou *Erinnerung*, a rememoração. E o que veio a ser isto? E o que foi a rememoração para Freud? E o que é a rememoração para nós no nosso trabalho? Espero que não confundam com anamnese, não se trata disso. A rememoração não é, ela pode estar contida, mas não é um simples relato biográfico. Nós não fazemos relatos de memórias visando, por exemplo, algo memorável como a obra de Proust - outro texto importante para nosso trabalho - na qual encontramos as delícias descritivas que só um literato pode nos transmitir, a partir daquilo que teria sido memória involuntária. Quando tratamos da rememoração, daquilo que Freud chamou *Erinnerung*, nós não estamos escrevendo uma biografia do sujeito, não estamos a recuperar um memorial simplesmente, visto que nós trabalhamos com a memória associativa. É diferente. Uma memória associativa no campo da rememoração não é o mesmo que uma rememoração pura e simples da história do sujeito, mas é o que numa relação transferencial advém de rememoração e de reconstrução dessa história. A história não é o passado, mas aquilo que falta ao presente. Então quando nós rememoramos em análise, o que nós procuramos é preencher lacunas de nossa história no presente, ou seja, naquilo que dissemos, naquilo que falamos, na nossa fala numa situação de análise. O que falta a essa fala, aquilo que está sob recalque, aquilo que sob os mecanismos de defesa no sujeito se oculta, isso é o que falta ao discurso do sujeito, à fala numa situação de análise. Então, todo o esforço que nós fazemos de nossa recuperação histórica, de nossa história, é para preencher aquilo que na nossa fala, numa situação de análise é lacunar.

Aprendemos sobre o Sócrates de Platão - o que nós conhecemos mais graças aos escritos deste, pois Sócrates não escreveu nada - que ele era alguém possuído por aquilo que ele chamava seu *daimon*. Ao lermos os diálogos de Platão, guardamos a impressão de que Sócrates não botava o pé fora de casa sem a companhia de seu *daimon*. Então para tudo havia em Sócrates algo oracular, algo da ordem dos deuses, algo da ordem de uma revelação, algo que Platão colocou como *idéia* do Uno, do Bem, do Belo, enquanto preexistentes ao sujeito, que, ao nascer, recebia seu *daimon*. Isso pode nos parecer uma idéia absurda, mas diante de certos autores populares contemporâneos, observamos em qualquer banca de jornais e revistas um monte de trabalhos sobre anjinhos. O *daimon* está na origem daquilo que a religião cristã chamou de anjo da guarda. E Sócrates, parece, não dava um passo sem o seu *daimon*, sem ouvi-lo, e às vezes ficava tão possuído por esse *daimon* que parava, quedava-se durante horas a pensar, onde estivesse, chovesse ou fizesse sol. Se lhes trago tais referências clássicas na literatura filosófica é por considerá-las necessárias à teorização da experiência clínica. Minha gente, dá muito trabalho ser analista. Se vocês estão pensando nisso, procurem dispor de bastante tempo para ler, sobretudo os clássicos. E não percam tempo com besteiras, quanto mais lermos sobre os clássicos, aqueles que são chamados e considerados imortais, tanto melhor, pois são os que de modo mais próximo e amplo, partilham da dimensão simbólica. Nas faculdades lemos o suficiente para preencher currículo, mas além das tarefas escolares o melhor é orientarmo-nos para os clássicos, ainda mais se pretendem esse caminho da psicanálise. Tal percurso sem eles torna-se mais obscuro. Pois bem depois de Platão, temos Aristóteles. Já Aristóteles fez uma certa conversão no discurso platônico. Há quem diga que todo o trabalho de Aristóteles foi contra Platão. Não, não foi não. Podemos considerar que, assim como Platão foi o maior discípulo de Sócrates, Aristóteles o foi de Platão.

Desde o começo dos escritos de Freud, se vocês abrirem um texto, como por exemplo, um dos mais antigos, de 1895, aquele que foi denominado pelos editores *Projeto para uma Psicologia Científica*, poderão observar ali que até a maneira de Freud argumentar é aristotélica, o modo como articulou suas proposições, chegando a chamar *protopseudohisteria*, tipicamente, acrescentando histeria a *protopseudo* aristotélico. Era a maneira pela qual Freud conseguia elaborar o seu pensamento de modo argumentativo. E em que nos interessa Aristóteles? Além de oferecer um campo inaugural do que podemos chamar como sendo a lógica, a retórica, a poética e a política, no conjunto da sua metafísica, não deixa de ser importante pensarmos como foi que, afinal de contas, Freud e Lacan trabalharam esse fenômeno transferencial que os filósofos e os poetas chamam *amor*.

Aristóteles nos forneceu alguns elementos perenes. Por exemplo, até hoje se repete à exaustão: *A virtude está no meio*. Já repararam nisso? *In medium virtus est*. Aliás, tornou-se uma fórmula adequada para se safar de alguma situação incômoda e que exija alguma posição. O problema é saber onde estão os extremos, para se saber onde fica o meio. Mas aqui é tão somente um exemplo da origem aristotélica de uma frase popularizada. Além da sua metafísica e da sua lógica, Aristóteles inaugurou a ética, que fundamentou para Lacan a *ética da psicanálise* apresentada no seu Seminário em seu sétimo ano de ensino público. Mas, afinal, o que é que diz ali o nosso Aristóteles? Eu falei no *daimon* de Sócrates. Pois bem, ele retorna sobre uma outra fórmula, e Aristóteles vai dizer o seguinte: o bem supremo que o sujeito deve aspirar na vida é a *felicidade*. E a *felicidade* em grego se escreve *eudaimonia*. O *daimon*, o demoniozinho de Sócrates está na palavra *felicidade*. Heráclito, quando foi falar sobre a ética, ele usou a mesma fórmula, afirmando que *a ética é o daimon do homem*. Há algo de *daimônico* no que fazemos. Há algo do *daimon* que devemos ouvir. Mas sabemos que a ética da psicanálise não visa ao *bem supremo*, não sendo função do analista desejar o *bem* do analisante. Será que isso nos espanta? Afinal, todo mundo à nossa volta quis o nosso bem: o pai, a mãe, o padre, o pastor, o professor. E no que foi que isso deu? Não é função do analista desejar o bem. Já tem muita gente desejando o nosso bem. Gente até demais, às vezes. O que interessa ao psicanalista é ouvir o *desejo*, não desejar um bem que possa resultar noutra coisa. Isso nos distingue então de Aristóteles. Como também nos distingue de Sócrates. Sócrates, seguindo o oráculo delfiniano, dizia o seguinte: *gnoth sh autwn, conhece-te a ti mesmo*. Outro bem. Ora, não há *si mesmo* para a psicanálise, não sendo um conceito próprio à psicanálise. Esse *si mesmo* filosófico não existe para nós. E é interessante notar que Lacan certa vez apresentou um seminário - é um título que não consigo memorizar facilmente, vocês me ajudem a lembrá-lo, está nos *Escritos*, a respeito da certeza antecipada - Ah! é *tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*. Certa feita propuseram a Lacan um certo enigma, e ele foi para casa, mas não conseguiu dormir naquela noite. De madrugada tocou o telefone para quem lhe havia passado o enigma solicitando ao interlocutor a sua solução. Então Lacan acordou o sujeito para perguntar qual a resposta para o enigma, do tipo quebra-cabeça. E a história foi a seguinte: teria se passado num presídio. Um dentre três presos teria chance de ser libertado. Só que eles teriam que passar por um teste. Esse teste implicaria naquilo que Lacan chamou de *instante do olhar*, de *tempo para compreender* e de *momento de concluir*, ou seja, havia cinco discos, três de cor branca e dois de cor preta, e o diretor do presídio disse para aqueles três presidiários. Eu vou colocar nas costas de vocês um desses discos, aquele que souber - ele não disse adivinhar - aquele que souber qual é a cor do disco que está colocado em suas costas será libertado. Só que vai ter que dizer na saída qual foi o raciocínio lógico que utilizou para chegar à conclusão da cor do disco que estava nas suas costas. O resultado disso foi que os três escaparam, pois cada qual soube dizer como concluiria qual era a cor do disco colocado em suas costas. Será que nós alcançaríamos a liberdade se colocados em situação semelhante? Sabem, pelo menos uma coisa podemos aprender desse sofisma elaborado por Lacan. Não sei se era exatamente o que ele queria transmitir, mas podemos concluir que um *sujeito* - e quando falo *sujeito*, estou me referindo ao *sujeito inconsciente* - só conclui sobre sua posição em relação à posição de outros sujeitos. Voltamos a dialética do Platão, do *erastes* e do *erômenos*, só nos sendo possível nos apreendermos em nossa própria posição se em relação à posição de outros. Não há auto-análise, não existe tal possibilidade. Não existe *si mesmo*, nem a via da introspecção em busca de um auto-conhecimento. Não chegaremos ao conhecimento daquilo que o inconsciente nos diz se nos tornarmos eremitas meditativos, alheios ao mundo, aos outros. Nada disso, ao contrário. Só poderemos chegar a certas conclusões sobre nós mesmos colocando-nos diante da posição de outro sujeito. Daí não haver

auto-análise. Podemos questionar, por exemplo, o título daquele livro de Didier Anzieu, *Auto análise de Freud*. Não é não. Houve uma análise inaugural, a do próprio Freud, com todas as dificuldades que ele nos relatou, caminhando junto com seus pacientes e teorizando na escrita sobre seus casos clínicos, ao mesmo tempo em que escrevia cartas muito pessoais a Fliess, além dos encontros que com ele mantinha, seus *congressos* particulares. Também podemos nos perguntar se Fliess foi o analista de Freud, pois isso exigiria um anterior também àquele como consequência natural à ordem seqüencial requerida. Daí podermos compreender o  $S_1$  de Lacan, o algoritmo da sua álgebra, colocado por ele na mesma posição do *pai primevo* para Freud. Não teria havido uma ruptura, no sentido epistemológico do termo, se não houvesse algo inaugural a partir de Freud. Então, podemos pensar que, com todas as dificuldades, Freud fez uma análise inaugural, única, impossível para nós, hoje, ouvindo, escrevendo e falando o que lhe fosse possível dizer a alguém.

... e há outras coisas muito saborosas, digamos assim, na leitura desses clássicos. Não só a ética de Aristóteles que pode nos ensinar sobre essa dialética de um certo saber sobre o inconsciente porque se eu lhes digo que, como no título indica, há um não-saber por parte do analista, isso não quer dizer que o analista não saiba alguma coisa sobre as leis que regulam o inconsciente. O que o analista não sabe, não lhe é dado saber, é sobre o desejo do analisante. Disto ele nada sabe. Nem o próprio analisante. É uma situação *sui generis* a da demanda por uma análise, pois o analisante coloca o analista numa certa posição de um certo saber que ele próprio não sabe qual seja. Neste lugar, bem, o analista só soube um pouco do que se passou com ele em sua própria análise e com a de alguns outros que disso dão testemunho no seu discurso sobre a Psicanálise. O que é que pode um analista saber e o que deve saber? Algumas das leis que regem, que estruturam a articulação inconsciente. Mas sobre o desejo do analisante ele nada sabe. Muito mal sabe sobre os seus próprios desejos advindos numa relação transferencial analítica. Aprende-se algo sobre o que Freud chamou *transferência*[*Übertragung*], que tanto pode significar transferência, transposição, como também *tradução*. *A falta [falha, em algumas versões] de tradução é o que clinicamente conhecemos como recalçamento. O motivo disso é sempre a provocação do desprazer que resultaria da tradução efetuada, como se esse desprazer engendrasse um transtorno do pensamento que, por sua vez, impediria o processo de tradução*, escreveu numa carta a Fliess em 6 de dezembro de 1896.

Podemos pensar nessa *falha na tradução* com estando na origem do que se convencionou chamar de *formação de compromisso do sintoma*. Vocês já devem ter ouvido ou usado essa expressão, *formação de compromisso* em relação ao sintoma. Pode ser traduzida como alguma coisa incômoda, o *sintoma* enquanto alguma coisa incômoda. Alguma coisa que incomoda o sujeito ao ponto de conduzi-lo a uma análise. E o que incomoda o sujeito ao ponto de produzir um sintoma? É o velho Freud que nos diz mais uma vez: um *amor recalçado*, afirmando ser *todo tratamento psicanalítico uma tentativa de libertar amor recalçado que havia encontrado num sintoma uma conciliação incômoda*. Confirmam seu texto *Gradiva*.

Por isso eu lhes trouxe até agora aquilo que nós poderíamos chamar desse saber socrático e o não-saber do analista subjacentes a um certo saber sobre essa dialética do amor. Aquilo que Freud chamou *enamoramento*[*Verliebtheit*], *Amor de transferência*[*Übertragungsliebe*], *transferência*. E é interessante que se nós formos observar também, e eu vou deixar isso para amanhã, uma das traduções possíveis para *Übertragung*, traduzido como transferência, poderia ser *transposição* ou *transporte*. Os alemães usavam muito o termo nesses livros antigos de contabilidade - agora o computador nem tem mais isso. Acho que o Excel não tem mais a folha contábil em que o contador colocava uma certa referência contábil no final da página, assinalando embaixo *a transportar*, virando a página e continuando na página seguinte. Mas há outra conotação a ser apreciada, e é possível para *Übertragung*, que é tradução. E aí a gente tem mais uma referência de Freud com relação a isso numa das cartas a Fliess, em que ele diz mais ou menos o seguinte: *O recalque é uma falha de tradução, ou na tradução*. Isso designaria o recalque.

Desses nossos amigos gregos, a gente pode dar um salto na história do pensamento acompanhando - eu não estou falando dessa gente gratuitamente - eu estou falando dessas

peçoas que são imprescindíveis e foram lidas por Freud e por Lacan. E continuam sendo indicações para nossa leitura. Mais adiante, Lacan vai dizer que há alguma coisa que a gente pode saber também a respeito disso. É quando vai trazer Hegel, sobretudo num capítulo da *Fenomenologia do espírito* chamado *Dominação e Escravidão*, para mostrar o quê? Para mostrar que numa relação transferencial há um desejo de morte a ela subjacente, de luta por reconhecimento, de luta até à morte. E não é difícil entender isso imaginariamente se considerarmos, por exemplo, sobre se haverá alguma outra espécie que não a humana capaz de lutar até a morte para obter reconhecimento? Porque nós instituímos um valor à própria estupidez. Nós somos capazes de morrer por besteira, se tal ato contiver um gesto heróico imaginário, só para se obter um certo reconhecimento. Eu acho que as outras espécies, quando se vêem numa situação desfavorável, procuram escapara. A humana nem sempre. Fica ali, se, para ser reconhecido, implicar um gesto de morte. Aí, nesse reconhecimento, há uma intermediação necessária relacionada ao trabalho, e que nós podemos dizer haver um trabalho analítico em elaboração numa relação transferencial que mantém em suspenso o ato, transformando-o em desejo, desejo de morte. O que é que afinal de contas um analisante busca nessa metáfora de luta de vida e morte senão, do Outro, do grande Outro, não do outroinho, analista, mas do Outro Simbólico o reconhecimento de seu desejo? Entendem porque não se trata de querer o bem? Trata-se de se reconhecer o desejo.

*Marisa: Vamos fazer uma pausa de dez minutos.*

*Léa comenta algo que ficou inaudível na gravação.*

No que eu poderia versar sobre isso, Léa, vieram-me, assim, algumas idéias a respeito. Confira-as: em primeiro lugar ocorreu-me a indagação se nós poderíamos utilizar as categorias lacanianas de *real*, *simbólico* e *imaginário* para responder a esta questão. De que modo? Em segundo lugar, a presença cartesiana inaugural na filosofia trazendo a noção moderna para *sujeito*, sem a qual não haveria a possibilidade de formalização da noção psicanalítica de *sujeito*, *sujeito ao inconsciente*. E sobre a *polis*, como, por exemplo, fazendo, com a *polis aristotélica* lugar público, ou seja, para além da privacidade do indivíduo. A necessidade desse intercâmbio que ocorria nos esportes, para os gregos, no teatro sobretudo. Se nós formos pensar na *poética* de Aristóteles, sobretudo acerca de um outro termo que nos trouxe, tão presente em nossa cultura, a *catarse*. Havia, pois a proposição do teatro enquanto possibilidade para alguma *catarse*. Nós não temos de Aristóteles, infelizmente perdeu-se no tempo, o seu texto sobre a *comédia*. Restaram-nos alguns fragmentos a respeito da *tragédia*. E curiosamente a psicanálise vem se servindo muito mais dos elementos da *tragédia* do que dos elementos da *comédia*. Se bem que seja viável uma boa análise terminar com um certo humor. Não sei se esse humor se aproximaria do humor da comédia do teatro grego nem da comédia do teatro latino. Por certo não a comédia proposta pela alienação da mídia contemporânea. É de outra ordem, a da *metáfora*. Mas ficou-nos sobretudo esse elemento da *polis*, o teatro, as considerações sobre a tragédia. E dessas considerações há uma outra que se aproxima bastante, eu estou tentando aproximações para depois a gente tentar fazer também certas distinções. Eu acredito que haja uma outra aproximação possível no elemento da *catarse*, e a um termo empregado por Aristóteles que é a *amathia*, não sei se lamentavelmente, mas não concordo com a tradução da nossa cultura para o termo *amathia* da tragédia grega na obra de Aristóteles, no sentido em que o cristianismo o traduziu. O cristianismo traduziu *amathia* por pecado. Mas a noção de pecado não existia para os gregos. Eu diria que a *amathia* aristotélica está muito mais próxima ao que nós poderíamos considerar como alguma coisa que falta ao sujeito e lhe falta de origem, ou seja, *ab origine*, estruturalmente, uma falta que teria sido cometida pelos pais. Então esse conceito de *amathia* poderia também nos ajudar no sentido de uma certa aproximação com a noção de alteridade. Relembramos neste ponto as considerações já feitas hoje aqui daquele seminário de Lacan sobre um sofisma por ele desenvolvido. Ao trazer-lhes aquela referência, foi justamente para situar o inconsciente numa relação de alteridade. Para que a gente possa desenvolver uma noção de *sujeito ao inconsciente* é preciso que haja aí uma alteridade implícita que não seja puramente dual, mas que lhe esteja *para além*. Daí a fala do Sócrates trazendo Diotima, ou seja, de um outro lugar, que seria a *outra cena*, como Freud situou o inconsciente.

Então, nós temos a *polis*, um termo um pouco surrado pelo uso político que dele se faz através de uma certa tradução utilizada, na qual se afirma ser o homem um animal político. Mas poderíamos pensar que Aristóteles haveria dito que o homem é um ser da *polis*. A *polis* seria diferente de política em seu exercício moderno e contemporâneo. Se exercia a política. E até a democracia, não sei se com boa aplicação, se pensarmos que Sócrates foi condenado à morte democraticamente, pelo voto popular.

Mas essa noção de alteridade foi deslumbrada na *tragédia*, através da situação da tragédia na *polis*. E esse termo *amarthia* em Aristóteles foi marcante, podendo nos servir de algum modo. Acontece que a alteridade conforme formulada para nós hoje na psicanálise, só se tornou possível através da dialética, se a gente pode chamar assim, do gênio enganador na obra de Descartes. Do mesmo modo que também os gregos trabalhavam a questão dos sentidos e das idéias. O que fazer com as percepções? O que fazer com os sentidos? O que fazer com a aparência? Aquilo que Kant retraduziu por noumeno e fenômeno. Mas essa alteridade que hoje nos serve e que permitiu - a meu ver foi a grande sacada de Lacan - constituir a noção de grande *Outro*, mas que já pôde ser vislumbrada em alguns textos de Freud, sobretudo numa das cartas a Fliess, como por exemplo, no termo *Alter*, uma referência ao pai. Ora, essa noção de grande *Outro* em Lacan, como possibilidade constitutiva e estrutural para uma noção de *sujeito* ao inconsciente, só foi possível modernamente a partir da noção de alteridade encontrada na filosofia cartesiana, isto com o emprego das categorias lacanianas de *real*, *simbólico* e *imaginário*, enquanto dimensões na fala do sujeito. Então, por exemplo, se nós pensarmos que para a ciência tudo está já aí. Os astros estão no céu, sempre no mesmo lugar, para quem os observa. Aí está uma dimensão de real no sentido de que possa ser abordado pela ciência como aquilo que já está ali desde sempre. Mesmo inserindo-se todas as suas mutações. Mas estava aí. Assim como o inconsciente já estava aí, historicizando-se em Freud, ou seja, passando ao campo *simbólico* via nomeação. Quando desse real, algo, pela letra, é fisgado, é trazido ao simbólico. Eu digo pela letra, por ser o elemento mínimo do conjunto que a forma, indecomponível, partícula última, de borda entre três dimensões, sendo um resto de real. A gente pode decompor palavras, separá-las em sílabas, tentar fonemas, semantemas, mas a letra persiste como indivisível. Como esse ponto que resta do real. E foi pela letra que Freud nomeou e registrou o inconsciente, e isso que estava aí, tornou-se simbólico por esse ato. Pode ser que, quando a gente conversar outra vez, Léa, lhe apresente outras idéias, mas neste momento é o que me ocorre pensar para lhe dizer como é que eu poderia distinguir essa coisa toda.

Então voltemos um pouco à nossa dialética, vamos chamar a dialética do amor transferencial. Nós paramos num pequeno trecho da obra de Hegel, na *Fenomenologia do espírito*, estando ressaltado sobretudo num trabalho de Lacan, *Função e campo da fala e da linguagem*. Naquele trabalho, o que nós percebemos com nitidez é o quanto de influência hegeliana há na obra de Lacan. Não só de Hegel, pois ali se faz presente um outro pensador contemporâneo, Heidegger. Lacan foi um dos que primeiro na França traduziu um artigo de Heidegger chamado *Lógos*. E nós estamos tentando traduzi-lo no momento. *Lógos. Palavra, Discurso*. E a presença de Heidegger num certo momento, num momento indelével no pensamento de Lacan a se destacar, foi que além dessa dialética por reconhecimento do desejo nessa luta de vida e morte da dialética hegeliana, transposta para uma situação de análise, foi acrescida a filosofia da linguagem heideggeriana, a de que somos seres falantes destinados à morte. Todo o tempo. Certa vez alguém teria perguntado a Freud: *o senhor pensa na morte?* E ele teria respondido: *diariamente*. Isso está num livrinho, que parece um livro menor, mas é muito interessante porque trata-se de uma narrativa de uma experiência de análise com Freud, feita por um professor americano na década dos vinte. Vocês sabem que Freud conduzia aquelas análises de férias, não é? Algumas pessoas aproveitam as férias, alguns eram professores universitários americanos, e iam até Viena, faziam análise com Freud em curtos períodos, em sessões diárias. Daí uma certa ênfase na questão da freqüência às sessões, mas tal freqüência pode ser relacionada às circunstâncias, como nos casos relacionados ao curto período de férias de alguns dos analisandos, algo que atualmente os franceses chamam *tranche, fatia, pedaço*. Freud era maleável em relação a essas questões. E o livrinho em apreço foi resultado de uma dessas análises, o qual, sob a perspectiva teórica, não acresce elaborações conceituais, mas por haver sido resultado de uma análise com Freud,



nos diz muito. Em resumo, um analisando de Freud lhe pergunta certa feita se ele pensava na morte e a resposta foi que sim, sempre. Conceitualmente, além de Hegel, Heidegger forneceu a Lacan os elementos para se referir ao *sujeito*, em sua existência concreta, materializada, como um ser que fala à sombra fantasmática da morte, isto é, aquilo que na existência é formulado também por uma dimensão real encoberta por um invólucro que a realidade apresenta impossibilitada de se dizer, em relação a não haver algum significante que a inscreva para o próprio *sujeito*. Tanto quanto não há para o nascer. Nem para o nascer nem para o morrer. Há essa restrição no inconsciente, ao nível de significantes que faltam, no que o demarcar, limita. Entendamos por esse viés o que vem a ser *castração*. Mas a morte não é para ser esquecida. Ela está na origem da vida. Ao nível do desejo. Ao nível da dialética do desejo. Quando se deseja um filho, por exemplo, deseja-se-o também para a morte, ao desejá-lo para a vida. Ao nível do desejo de procriar e gerar, está aí implícito um desejo de morte na existência do ser que nasce. É inevitável. É o de que se trata também na dimensão religiosa. É disso que a religião mantém-se enquanto subsistentemente esperançosa - ao contrário da psicanálise - no sentido de uma esperança de vida pós morte. O que há é a noção de uma castração absoluta da existência com a morte. E é o suporte dessa dialética amorosa de enamoramento de uma situação de análise. Ela tanto é suporte como é um símbolo disso, porque há uma outra coisa que aprendemos com Lacan, através de um dos pensadores que o influenciou: Lévi-Strauss, que forneceu a Lacan a noção de *simbólico*. Se a noção de *real* Lacan a recebeu de Georges Bataille, a de imaginário de Henry Wallon, a de simbólico ele a recebeu de Lévi-Strauss. Este ensinou haver sido o momento inaugural da cultura a sepultura, assim como Hegel formalizou o conceito enquanto morte da coisa. A palavra mata a coisa. O que nós temos diante de nós numa relação transferencial, senão nos haveremos com nossos desejos sintomaticamente fantasmaticizados? É por isso que tentava lhes dizer que a análise não é uma rememoração no sentido de uma historicização biográfica nem memorial. Há aí algo ao nível da alienação do sujeito em relação à sua própria morte. Mas ao nível da alienação, ainda há a compor esse quadro teórico ao redor de Lacan mais um pensador importantíssimo no contexto, que foi contemporâneo de Lacan, tão famoso ou mais do que ele, que foi o senhor Sartre, Jean Paul Sartre, também presente naquele período inaugural do ensino público de Lacan, e que pode ser considerado o mais fecundo e mais fértil, em 1953. Sobre o último período, lhes confesso não me agrada muito. Eu não consigo apreciar aqueles barbantinhos e nozinhos voltados ao enunciado lógico em detrimento da enunciação do sujeito. Naturalmente deve existir algo de importante ali, mas até onde posso observar - e compreender - houve um afastamento das questões clínicas em favor do discurso universitário. Contudo, há uma relação entre o período final de seu ensino e os começos, que foi a sua preocupação com as psicoses, e seria justo buscarmos tal relação, mas o que se tem feito é um discurso puramente abstrato e acadêmico. Naquele momento inaugural e fecundo Lacan não poderia ignorar o debate parisiense da época a respeito d' *O Ser e o Nada, L'être et le néant*, contrapondo ao ser o *sujeito*, e ao nada o *significante*. Contrapondo-se a Sartre do mesmo modo como se contrapôs à psicologia do ego, recomenda, no entanto, aos analistas a leitura daquele texto de Sartre. Nós somos seres regidos por significantes; não há o nada. Não há vacuidade. Já n' *a interpretação dos sonhos*, Freud afirmou que nosso psiquismo nunca está vazio, permanecendo sempre cheio de idéias, pensamentos. Não há a vacuidade. Não há, portanto, o nada, há significante. Mas daqueles momentos inaugurais do ensino de Lacan, tento apresentar-lhes uma certa galeria de autores absolutamente imprescindíveis ao nosso trabalho, mantendo, contudo, essa distinção entre Psicanálise e análise. Mas, para fazermos psicanálise, para tratarmos essas questões, e não há como deixar de tratá-las no âmbito do nosso trabalho, esses autores merecem ser considerados. Lévi-Strauss, então, forneceu a Lacan, como já vimos, o *simbólico* e, com ele, a concepção de estrutura enquanto sistema, operacionalizando-a matematicamente através da teoria dos conjuntos. Ou seja: sistema como sendo aquilo que articula um conjunto numa certa relação, aquela que Freud denominou *associativa, associação de idéias*. Para Lacan, conjuntos de significantes, articulados num *lugar*, a-topológico, com o nome de *Outro*, que não existe enquanto entidade, sendo puramente abstrato, porém determinante, articulado por uma relação que podemos chamar vetorial.

Mas amanhã prosseguiremos. Obrigado.

Sim, Laeria.

*[A questão colocada não foi registrada pelo gravador, mas há momentos em que se pode ouvir referências ao pós-modernismo]*

Laeria, sinto não poder lhe ajudar nisso, pois não tenho acompanhado essa discussão ao redor do pós-modernismo.

II

*Boaz não sabia que uma mulher estava lá  
E Rute não sabia o que Deus queria dela*  
Victor Hugo

Ontem eu disse para vocês que convidar-me para falar-lhes poderia se constituir em grande risco para vocês e uma ousadia da minha parte, porque ficamos sem saber se daremos conta do recado. Mas ontem eu senti que nós conseguimos trabalhar algumas coisas que para mim pelo menos são bastante preciosas, e como ultimamente eu me tornei um micreiro, então poderia dizer o seguinte: nós navegamos ontem por alguns séculos, desde o nosso amigo Platão até Heidegger e Lévi-Strauss. Isto denota o que eu chamo de ousadia, isto é, numa tarde pincelar alguns temas abordados por aqueles pensadores, que se tornam, enfim, referências imprescindíveis ao nosso discurso, o psicanalítico. Mas foram só algumas referências bibliográficas esperando que vocês também se animem a lê-las.

Depois, no intervalo, conversando, alguém me perguntou o que faço enquanto atendo? Eu costumo dizer o seguinte: eu tento fazer crochê de palavras com letrinhas, como aquelas personagens estranhamente familiares numa cadeira de balanço fazendo crochê enquanto conversam, e, de vez em quando, no nosso caso pelo menos, quando conseguimos pescar algum significante, dizemos: ôpa; há aí alguma coisa para além do que está sendo dito, da conversa habitual, ou seja, o nosso trabalho é o de ouvir para além daquilo que está sendo dito. Esse é o nosso trabalho, e é um trabalho ímpar, pois em nenhum outro lugar isso poderia ser dito e ouvido. Só numa situação de análise. Agora, para fazermos isso, naturalmente não o fazemos por intuicionismo, naturalmente ao fazermos isso procuramos saber minimamente sobre este fazer. Então, o que nós conversamos ontem a respeito do não-saber e do saber, poderíamos distinguir dessa forma: não se trata de uma práxis intuicionista nem de um saber acadêmico, enquanto situações *antitéticas* permitem alguma junção recomposta no momento da nossa intervenção. Uma intervenção psicanalítica deve levar em consideração um saber sobre as leis que regem, estruturam e articulam o inconsciente. Se nada sabemos ainda sobre o desejo do analisando, pelo menos alguma coisa, um certo saber sobre como se articula esse desejo ao nível de sua enunciação inconsciente, faz parte do nosso trabalho. Não é puro experimentalismo, não é puro intuicionismo, há aí ciência, há aí rigor, o que não significa que devamos estar, numa sessão de análise, a fazer ciência. Nós usamos dessa ciência, mas não fazemos essa ciência no momento de nossa escuta, e para nos ajudar nessa tarefa penso que para além da ciência podemos recorrer ao auxílio da literatura. A arte de escrever combina muito bem com a arte de ouvir, sendo a escuta uma arte. Às vezes a gente se perde tanto em questões mirabolantes em busca de uma técnica perfeita e esquecemo-nos que afinal de contas ouvir é uma arte. Há até musicalidade nisso se prestarmos atenção, como distinguir sons musicais, por exemplo. O significante na escuta de um analista é como alguma coisa que ressoa, e arranha os tímpanos quando algo não vai bem na fala do analisando, alguma coisa que destoa na escuta dessa fala. Mas para que haja isso é preciso muito tempo, muito tempo de análise, algo que não condiz muito com a sociedade moderna, tão apressada. Não há análise breve. Uma análise é sempre longa, porquanto sinuosos, labirínticos são os caminhos trilhados pelo desejo que nos habita, enigmáticos em sua expressão possível. Tornamo-nos decifradores de enigmas, atenciosos e atentos.

Freud, já observamos, nos ensinou não haver nos sonhos conjunções. Não há lógica discursiva possível sem o uso de conjunções, no sentido do sentido. E aí nós nos damos conta de que não trabalhamos com o sentido, mas noutro sentido, o de *direção*. Por exemplo, vou escrever aqui uma fórmula para situar aquilo que Freud caracterizou como sendo um elemento enigmático e misterioso numa relação transferencial, sendo que Lacan fez disso uma fórmula usando seus algoritmos e matemas. Permitam-me reconhecer diante de vocês que considero essas fórmulas algébricas lacanianas com seus matemas e figuras topológicas ilustrações do seu discurso, ainda que imprescindíveis. A topologia é uma figuração abstrata que pode prescindir dos desenhos gráficos e fazer uso de elementos puramente algébricos. Então a topologia é basicamente uma escritura algébrica, porque tenta trabalhar numa dimensão para além da imaginária. Mas, apesar de certas dificuldades no uso de tais categorias, tentarei

escrever aqui para vocês, continuando um pouco o trabalho de ontem, aquilo que seria a fórmula da transferência:

$$\frac{S \dots S^q}{s(S^1, S^2, \dots S^n)}$$

Eu enfatizaria que ao dizer que nós não trabalhamos com sentido numa escuta analítica - há analistas, sabemos, que fazem construções mirabolantes em busca de um sentido àquilo que não entendem, tentando compreender - é uma forma de tentar transmitir-lhes que o objetivo dessa escuta não é formalizar construções teóricas extraídas do imaginário do analista. Mas ao invés desse sentido o que a psicanálise propõe é algo que poderíamos chamar *direção*, os vetores usados por Lacan ( $\rightarrow$ ), aquilo que na física se chama vetorização, ou seja, esse vetor na psicanálise não é um vetor de sentido, é só de direção, ou seja, Freud, ao nos ensinar sobre *associação livre*, ensinou-nos também que não há nada livre nessa relação, justamente porque há uma direção, uma idéia remete a outra, o que não quer dizer que faça sentido ao nível do enunciado, mas simplesmente elas estão associadas, promovendo enunciações, sendo ao que se presta o significante. Um significante remete a outro significante e não a algum sentido. Como foi que Lacan definiu significante? Um significante é o que representa o sujeito para um outro significante. E aí está uma das fórmulas usadas por Lacan para escrever como há essa remetência, essa direção numa relação transferencial. Vocês devem estar lembrados que ontem mencionamos um trecho de Freud de sua experiência nos primórdios da análise no qual ele descobriu haver um elemento misterioso nessa relação analítica, algo mais, que excedia a relação analista-analisando. E o que vem a ser esse algo mais? Creio podermos afirmar tratar-se de algum significante qualquer ( $S^q$ ), nós não sabemos qual, pois o próprio analisando o ignora, e nisto reside o enigma a ser decifrado. Por certo um analisando não busca uma análise por atrativos imaginários encontráveis num analista qualquer, mas por uma articulação significante que ignora, porque há aí algum elemento significante a ser elucidado na forma que se apresenta como enigma, e Lacan completa então a sua fórmula, colocando no numerador o significante e aqui como o denominador o sujeito, sujeitado a uma relação. Podemos nos indagar se há nessa relação um número definido ou indefinido de significantes que a articula. O que podemos saber sobre isso é que há uma combinatória, infinita, infindável, possível. Por isso Freud dizia que uma análise, afinal de contas, tem um fim, mas é interminável, pois é possível haver uma combinatória infindável com esses elementos.

Isso não é tão difícil de se pensar, apesar de complexo. Imaginemos um teclado de um computador, o que é que nós temos ali? Alguns sinais gráficos designando as letras, a pontuação e os números. Não são muitos não, mas as possibilidades combinatórias daquele teclado são infinitas. Se transpusermos tal analogia para a dimensão significante, podemos admitir essas cadeias de significantes que recebemos enquanto portadores, sendo determinadas, finitas, mas de possibilidades infinitas enquanto combinatórias. Se formam um conjunto com um número limitado de elementos, isto é uma questão. Lacan elaborou essa fórmula no trato dessas questões, mas seus matemas podem ser escritos tanto quanto descritos, compostos pela narrativa, num certo esgrimir com as palavras, uma arte que se vai desenvolvendo na escrita, na fala, e, mais desejável ainda, na escuta.

Muito bem, então contando histórias, além das que pudemos compartilhar aqui da história do pensamento, naquilo que para a psicanálise tornou-se fundamental para sua formalização, imaginemos agora a seguinte: caminhemos com Freud por algumas ruas de Viena próximas à sua casa, após algumas horas dedicadas ao atendimento de seus analisandos, ele, para desanuviar um pouco as idéias, sai para comprar seus charutos. Então lá vai Freud, caminhando, pensativo, refletindo, tentando formalizar tudo aquilo que aconteceu na clínica, no atendimento naquele dia, indo ao seu fiteiro favorito para comprar os seus charutos prediletos. Numa dessas andadas parou em frente a uma loja de brinquedos atraído por um produto em exposição, um produto que ainda existe, chamado bloco mágico, bloco

maravilhoso. Vocês já leram esse artigo de Freud, denominado *Uma nota sobre o "Bloco mágico"*? É ótimo, bem elucidativo. O brinquedo *bloco mágico* vocês o conhecem, não? Ele é composto por uma base ceramínosa escura, uma espécie de carbono, e sobre esse carbono uma película muito delicada, para proteger uma outra película plastificada colocada sobre as duas anteriores. Ao se rabiscar, desenhar ou escrever o que quer que seja na película superior, aparece o que se traçou na película intermediária como resultado da transparência do carbono ao fundo. A película fica marcada pelo traço registrado no seu anverso, por aquele carbono, e quando se levanta a película intermediária apaga-se o que havia sido impresso, mas na última película, a inferior, ceramínosa, ficam registrados todos os traços, tornando-se porém ininteligíveis devido à sobreposição dos vários traços. Apagam-se exteriormente, na parte superior, mas na parte inferior não, ficando o registro. Claro, os primeiros traços ali registrados ainda serão legíveis ao se levantar as duas outras películas, mas a partir dos muitos registros posteriores torna-se impossível lê-los, e aí coisa começa a se complicar. Agora imaginemos isso ao nível de uma combinatória infinita, o quê se encontra ali? Rabiscos indecifráveis, mas todos os traços significantes se mantêm, apesar de emaranhados nos posteriores e mesmo em sendo apagadas certas partes. O fato é que Freud utilizou um brinquedo tão simples para retomar sua teoria sobre o inconsciente, pois naquele artefato estava a ilustração de seu aparelho psíquico, em elaboração desde 1891, com *as afásias*, passando pelo *Projeto*, pela *Carta 57* a Fliess, pelo *sétimo* capítulo sobre os sonhos e pela *segunda tópica*. Enfim, todo um longo percurso de trabalho estava ali ilustrado de modo tão simples, no qual propôs indicar alguma coisa ao nível do que seja o inconsciente.

Também acompanhando essa história toda e ao mesmo tempo em que surgiu a Psicanálise com Freud havia o nascedouro de uma outra disciplina, de um outro saber que nos é próximo, o da lingüística, com Ferdinand de Saussure, com a primeira edição em 1916, do *Curso de lingüística geral*, escrito por seus discípulos a partir de anotações de classe. Mas o que afinal de contas Ferdinand de Saussure considerou como sendo um fato lingüístico? A língua marcada simultaneamente por produto de idéias confusas e por sons indeterminados, fazendo tracejar no circuito da fala aquilo que Lacan vai chamar de - apesar de alguns tradutores encontrarem dificuldades para sua tradução - point-de-capiton; trata-se do nosso bem conhecido capitonê em sua transliteração. Sabem o que é um capitonê, não é? É aquele botão que fica prendendo superfícies opostas através de pontos de amarração da almofada que permitem sua ondulação. Aquilo é um ponto no estofado, point-de-capiton, capitonê, que em alguns textos vocês vão encontrar, por exemplo, como ponto-de-basta (*sic*). Imaginem então que nessa formulação de Freud há uma proximidade com a de Saussure, entre o fato lingüístico e os traços apagados, mas indelévels. Ainda que uma analogia não possa ser suficiente para dar conta teórica do que nós fazemos, podemos imaginar a possibilidade de que nós sejamos como um livro mal escrito, todo cheio de rabiscos, e quando fazemos análise, é como se estivéssemos lendo em voz alta esse texto que foi impresso em nós, como se enquanto corpo fôssemos tão somente um invólucro para esse psíquico tracejado, apagado, re-escrito, sendo o analista aquele que nos acompanha no trabalho de tradução desse texto ouvindo-nos. Vocês estão lembrados de que Freud afirmou que, afinal de contas, o recalque seria uma falha de tradução, estão lembrados disso? Isto está numa carta de Freud a Fliess, o recalque como sendo uma falha de tradução; então alguma coisa aconteceu ali que o sujeito não soube traduzir, não conseguiu traduzir, e fica lá enquanto sintoma, até que um dia, o sujeito, por obra e graça da assim denominada psicanálise, traduz.

Vocês já conhecem essa fórmula aqui?  $\$$ , que também pode ser escrita de outras formas, como, por exemplo:  $S_1 \rightarrow S_2$ ; ou:  $\$ \langle a \rangle$ ; ou ainda  $Saa'O$ . São sinais a indicar que diante desses traços apagados constitui-se um sujeito separado de si mesmo e alienado do seu desejo. Há aí um sujeito separado de si mesmo e alienado de seu desejo. E quando Lacan propõe a primazia do significante, retorna a uma antiga questão. O que é que vem primeiro, o que antecede, o que é que há a anteceder a materialização histórica do sujeito? A religião, pelo menos, a da nossa tradição cultural, afirma: B'rechit bará El-hoim..., isto é, no princípio criou Deus...; depois vem um outro texto religioso que visa atualizar aquele, traduzindo-o com os elementos do helenismo: en arquei en ho logos, ou seja, no começo, no princípio era/estava o Verbo, a Palavra. Tais formulações conferem em parte com a teoria de Lacan no sentido de que há uma antecedência ao sujeito, algo nos precede, e aí o que ele faz com isso? Ele vai

dizer que o sujeito ex-sistere, retomando uma linhagem anselmiana na lógica clássica, a qual repousa sobre uma afirmativa a partir de uma indagação do sujeito sobre sua própria existência.

A religião ofereceu uma resposta das mais consistentes para isso, tanto que seus mitos ainda perduram no cotidiano popular. Creio ser conhecida por vocês aquela história de Moisés diante da sarça ardente diante da missão a cumprir em nome de seu Deus, o Deus tribal da época, lavé, e Lhe pergunta: mas escuta, o que é que eu vou dizer ao povo sobre seu nome? Como te chamas? E a resposta foi: lavé, considerado como sendo uma flexão verbal: eu sou; ou: eu sou o que sou; ou: eu sou o que fui, o que serei e continuarei sendo, denotando algo de primacial, de imutável, de constante, de onisciente, colocando então o sujeito numa posição de subordinação nessa formulação, lavé, persistindo através da filosofia pela via de uma leitura tomista de Aristóteles, podendo ser resumida no seguinte: Deus existe, o sujeito ex-sistere, de onde a fórmula de Lacan. Houve um monge chamado Richard de São Víctor, em 1150, seguindo uma tradição anselmiana, propôs essa elaboração, *ex*, separando mas mantendo contíguo, no humano, aquilo que numa formulação clássica, absoluta, do Deus existe, fosse apostado esse hífen, -, indicando numa forma proposicional, algo de origem, *ex*, proveniência, ou seja, fórmula que pode receber a tradução: *Deus é, o sujeito Dele provém*, não há origem para Deus, mas há para o humano, sendo esse o sentido do *ex-sistere* original, ou seja, permitindo uma leitura referente a uma proveniência, uma alteridade, uma relação a um outro lugar. Ao enfatizar Outro, já dá para perceber a direção àquilo que foi a grande sacada de Lacan, o que denominou grande Outro, noção para a qual há a possibilidade de junção ao enunciado de Freud *Wo es war, soll Ich werden*, isto é, *onde isso era devo advir. Onde, Wo*, esse advérbio relativo a lugar, corresponde, a meu ver, a resposta de Lacan com o grande *Outro*, formulação de pura articulação lógica, *lugar* dos significantes do sujeito, lugar não localizável, a-topológico.

[Intervenção não gravada]

Uma ontologia! De ontologia com a topologia. Uma ótima idéia! Mas, se você permitir poderíamos falar então numa ontopostologia, acrescentando as figuras de linguagem. Ontopologia, boa idéia, mesmo porque a ontologia é referência inescapável à formulação conceitual da psicanálise, tanto quanto a topologia e a tropologia.

Há outras formulações, reparem em pelo menos três, básicas, ao redor dessas questões. A religiosa, já vimos, mantendo certa relação com a fórmula proposicional *ex* próxima à psicanalítica quanto a no começo estar a Palavra. A de Goethe, referida por Freud, afirmando haver sido o começo o Ato. Há ainda a marxista, para a qual no começo era a Práxis. Então pelo menos essas três formulações a gente tem como referências trazidas por Lacan para introduzir a da psicanálise, a da via da transferência, isto é, a do Amor, cuja formulação foi por ele elaborada através do discurso platônico d' *O Banquete*, mantendo seus próprios elementos antitéticos, ou, como se diria atualmente, paraconsistentes.

Então, naquelas fórmulas lacanianas, são mantidos sinais que indicam sua origem a partir de várias disciplinas, mas seu uso por Lacan lhes dá valor de simultaneidade mais que de sucessividade. Por exemplo, são conjuntivos-disjuntivos-explosivos-implosivos ao mesmo tempo; conjuntivos gramaticais, conjuntivos/disjuntivos lógicos, explosivos-implosivos lingüísticos, além da combinatória possível entre eles:  $\wedge$ ,  $\vee$ ,  $<$ ,  $>$ . Na fórmula empregada para indicar a relação fantasmática do objeto que mantém o sujeito barrado a seu acesso, vimos que Lacan usa os quatro sinais simultaneamente, de modo antitético:  $<>$ . Nas dimensões da fala em sua impossibilidade de dar conta da falta de conjunções lógicas de sentido, como as ausentes em nossos sonhos, onde o que há é remetência, direção.

Pois é, mas voltando ao grande *Outro* laciano, podemos então aproximá-lo do *Wo* freudiano, considerando-o relativo a esse lugar de pura abstração da relação de remetência, inexistente enquanto lugar possível de materialização espacial, onde funcionam e se articulam nossos significantes. Mas o que afinal de contas é um significante senão a possibilidade do estabelecimento dessa relação, que é uma relação de representação para um determinado sujeito determinado por essa relação? É só alguma revelação, como nos sonhos ocorre. Mas

para que seja estabelecida tal relação - e está na relação a estrutura - sua contingência é estabelecida por um elemento necessariamente ausente, mas que não esteja fora do sistema, isto é, fora do conjunto. Isto porque ao grande *Outro* - no conjunto de significantes que o constitui por efeito dessa relação entre seus elementos - há um que está fora. É justamente o  $S_1$ . Tentemos ilustrar isso também com um brinquedo, a exemplo do *bloco mágico* trazido por Freud. Existe um joguinho que provavelmente todo o mundo que tá aqui já brincou. Serve para formar imagens ou palavras a partir de elementos parciais, sejam fragmentos das imagens ou palavras a se compor. Eu não me recordo em quantas partes o quadrilátero é dividido, algo em torno de dezesseis ou vinte e cinco, sendo que uma das imagens, ou das palavras, que são quatro ou cinco, dependendo do tamanho do quadrilátero, é de menor tamanho ou com uma letra a menos, permitindo assim que todas as peças possam ser movidas porque falta uma. Justamente porque ali falta uma, todas as outras podem ser remexidas. Estão lembrados disso? Então, tentemos imaginar, por analogia, o grande *Outro* dessa forma, ou seja, com um significante faltante. Não inexistente, mas faltante. Esse significante faltante permite a combinatória de os demais, sendo ao mesmo tempo o significante constitutivo da estrutura do conjunto dos demais para representar o sujeito.

Muito bem, então nos aproximamos do que podemos considerar como sendo *função* [  $f$  ] do significante [  $S$  ]: a de colocar um termo qualquer como barreira resistente ao significado [  $s$  ]. Foi assim que Lacan escreveu a função do significante:

$$\frac{f(S)}{s}$$

a partir da definição de seu algoritmo principal:

$$\frac{S}{s}$$

, com o qual ele demonstrou a primazia do significante sobre o significado, fundamento de sua teoria do significante.

Decorrente do uso de seu algoritmo aplica-o no que destaca como sendo duas as principais estruturas da cadeia significante: a da *metonímia* e a da *metáfora*. Na primeira - sem a qual a segunda seria impossível - a da metonímia, a função significante é a de conexão dos significantes entre si, do significante ao significante ( $S...S'$ ), mantendo a barra (-) colocada no algoritmo principal que indica a irredutibilidade das relações entre significante e significado. Daí a fórmula da estrutura metonímica:  $f(S...S') \cong S(-)s$ . A da metáfora resume o seguinte: é na substituição do significante ao significante que se produz um efeito de significação que é de poesia ou de criação, advindo a própria significação. Nessa fórmula, a substituição de um significante por outro significante cria significação pelo que equivaleria à ultrapassagem da barra. Lacan escreveu assim:  $f(S'/S)S \cong S(+ )s$ , na qual há o sinal de mais para indicar a ultrapassagem da barra na criação de significação.

Entendem por que a brincadeira com *ontopostopologia*? Para lembrar, nas nossas leituras dos textos de Lacan, o seu uso constante das figuras de linguagem, os *tropos*. A ênfase normalmente recai sobre topologia, como se houvesse necessidade de cientificizar o discurso psicanalítico. Lembremo-nos de que, afinal de contas, falamos em análise e não fazemos demonstrações algébricas com nossos grilos. A topologia pode nos servir para efeito de ilustração do discurso, para ilustrar os volteios e revolteios das palavras numa fala analítica, isto é, na transferência. Lacan chamava isso, como já vimos, de lógica de borracha, foi sua invenção, para lhe permitir dar formas abstratas às dimensões concretas das palavras. Mas as

palavras se constituem por meio dos tropos de linguagem, de onde sua ênfase quanto à metáfora e à metonímia, isto é, a característica de contigüidade e de substituição no que se diz. O que Lacan fez foi prosseguir, ampliando as designações de Freud: deslocamento e condensação. Para Lacan ao deslocamento corresponderia a metonímia e à condensação a metáfora. Não são equivalentes, são equiparáveis. Tentemos, mais uma vez, exemplificar, lembrando o episódio trazido pelo próprio Freud em relação ao seu esquecimento do nome Signorelli. Vocês sabem também que Freud atribuiu seu esquecimento à morte, Senhora Absoluta, segundo seus próprios termos. Relacionada ao sexo. Além do que - outro dado importante em decorrência da sua própria historiografia - o esquecimento foi durante uma viagem de trem. Ele estava viajando por Ragussa, Bósnia-Herzegóvina, onde deixou Marta, sua mulher, prosseguindo pelo norte da Itália por recomendação do seu amigo Fliess para observar algumas obras de arte. E lá foi Freud, obediente à transferência a Fliess, mas também obediente à sua transferência à cultura e à arte. Nesse contexto entabulou um papo com um companheiro de viagem, falando sobre as belezas que havia admirado e se esquece do nome Signorelli, que lhe era tão familiar. Atribuiu então tal esquecimento a uma notícia recebida sobre um paciente que havia se suicidado. E também a uma conversa sobre certos costumes naquela região que consideravam a impotência sexual como uma morte. Mas poderíamos atribuir a outros fatores, acrescentando mais alguns elementos a partir de uma constelação histórica.

Consideremos as palavras *signor* e *eli*. Freud acentuou *signor*, afirmando haver sido o termo recalçado. Mas há aí uma apreciação possível sobre algo não mencionado: o termo *Eli*. Vocês devem conhecê-lo a partir da religião predominante em nossa cultura. Reparem: *Eli, Eli, lamá sabactaní*, isto é, *Senhor, Senhor, porque me desamparaste?* Então, lembraram-se? Teriam sido as últimas palavras de Cristo antes de morrer. Mesmo não sendo em hebraico, mas em aramaico, *Eli* é um termo comum a ambas as línguas, mantendo a mesma conotação e origem: *El*, deus totêmico na mitologia cananéia, supremo, primevo. Era um touro, e a prática ritual foi também mencionada no livro III da *Odisséia* e pelo próprio Freud numa carta a Fliess. Além disso... nas touradas ainda se aclama *El touro*... Há também as vaquejadas nordestinas. São registros sígnicos, arcaicos, atravessando épocas. Traço apagado. Conduzido pela mesma passagem já mencionada sobre Moisés no monte Sinai, quando Freud vai analisar sua representação artística na bela estátua esculpida por Michelangelo, o que lhe chamou a atenção ali? Primeiro contradisse a tradição, afirmando que o Moisés de Michelangelo não teria quebrado as tábuas da Lei, mas, ao contrário, preservou-as, enfatizando que a conquista das paixões é agir desse modo. Ao invés de quebrar as tábuas da Lei, refletir sobre o gesto pensado nos momentos de ódio, e controlá-lo. Há, no entanto, um detalhe da sua análise quanto à descrição que fez da cabeça de Moisés, aplicando o termo monstruosa, animalesca. A cabeça de Moisés animalesca? Sim, taurina, com dois chifrinhos sobressaindo na testa? Os famosos chifres que dão origem a tanta tragédia e comicidade na vida, não é? Seria *El, Eli*? Michelangelo teria usado uma tradução do hebraico para o latim na qual a homografia dos termos chifre e resplandecente em hebraico permitiram a confusão na versão latina. Assim, ao invés da Vulgata haver traduzido que seu rosto resplandecia porque ele havia estado com o Senhor, traduziu por *tinha chifres*. Mas esta digressão é só para entreter-nos em nossa conversa de hoje e para ressaltar o elemento recalçado por Freud no momento de pronunciar a palavra *Signorelli*. Não se trata para nós de explorar tão somente os elementos sígnicos, tarefa para junguianos. Sabemos que o signo representa alguma coisa para alguém, enquanto o significante representa um sujeito para outro significante. O exemplo foi trazido para ilustrar a composição metonímica de contigüidade nos termos *signor* e *eli*. O que poderia conter em termos de significante nessa história para Freud está no esquecimento. Sendo um esquecimento analisado por ele, passa, para nossa leitura, à ordem da dimensão significante. De que esquecimento se tratou? Ora, relendo o contexto de tal esquecimento, encontramos várias referências à morte do pai de Freud. Vejamos: nove meses após a morte de seu pai, ocorrida em outubro de 1896, em julho de 1897 Freud providenciou uma lápide para o túmulo do pai, gesto por ele comentado numa carta a Fliess pouco antes dessa viagem, realizada em setembro de 1898. Então encontramos aí diante de um elemento significante para Freud, referente à morte, por ele referenciada, e que atribuímos como sendo a de seu pai.



Esse seria o elemento metonímico que podemos registrar para exemplificar como podem funcionar na prática essas fórmulas elaboradas por Lacan. Passemos agora à metáfora...

*Pronto Marisa, ah!, sim... intervalo. Coffee break. Ótimo! Está bem, vamos lá. O nosso popular cafezinho virou coffee break...*

Prossigamos com o nosso trabalho. Pretendo finalizar o nosso trabalho de hoje com as fórmulas de Lacan sobre os tropos de linguagem, e depois espero ouvi-los também.

Enquanto Lacan nos diz que na forma da metonímia há ultrapassagem da barra, na fórmula da metáfora não há, havendo substituição de um termo por outro, trazendo como exemplo a história de Boaz a partir de um verso do poema de Victor Hugo, *Booz endormi: sua vara não era nem avara nem odienta...* (*Sa gerbe n'était pas avare ni haineuse...*), no qual *as gerbe* substituiu *Boaz*. Lacan retorna a esse exemplo também n'*A transferência*, citando outras estrofes: *Boaz não sabia que uma mulher estava lá / E Rute não sabia o que Deus queria dela*, nas quais ressalta a presença de um não-saber na função metafórica enquanto constitutiva da transmissão paterna. Podemos retomar o exemplo trazido por Lacan, e relemos o texto bíblico, o *Livro de Rute*, uma leitura aconselhável, clássica. Não sei se vocês conhecem a história de Rute. Há naquela narrativa literária uma personagem importante: uma sogra, viúva, cuja maior preocupação foi a de que seus dois filhos morreram sem deixar filhos. Aquela sogra, chamada Noemi, se viu então numa terra estranha, sem marido, com duas noras estrangeiras e sem netos. Uma das noras resolveu deixar a sogra e voltar para os seus. Mas Rute não, Rute preferiu acompanhar sua sogra, dizendo-lhe que adotaria, como já adotara no casamento com o seu filho, os seus costumes, as suas leis, a sua religião. E as duas voltam à terra de origem de Noemi.

Ali, naquele texto, encontramos o exemplo de uma das leis vigentes entre os que pertenciam ao mesmo grupo de onde se originara Rute relativa ao patronímico, daí o porque do exemplo bíblico, o de aproximar-se da preocupação fundamental da psicanálise relacionada à questão do que é ser um pai. Freud indicou a obviedade da relação materna. E vocês sabem, na cultura judaica, o reconhecimento sobre o pertencer ao judaísmo passa necessariamente pela mãe, isto é, um judeu é claramente reconhecido como tal se a mãe for, dirimindo pela ascendência materna qualquer dúvida a respeito; em sendo o pai, já há aí um impasse. A dúvida, a questão é sempre paterna, sendo colocada em relação à paternidade. E há um texto de Freud, *o estranho*, o estranho familiar, ou o familiarmente estranho possível de ser lido sob a perspectiva dessa *estranheza* quanto à definição de paternidade. Ser pai implica ser morto pelo desejo neurótico, precluído na dimensão psicótica e recusado na perversão. E na história de Noemi e de Rute as leis tribais que regiam os costumes, a conduta daquele grupo, eram as de que o parente mais velho deveria ocupar esse lugar paterno na viuvez das mulheres. Mas houve recusa, havendo parentes de Noemi que não quiseram esse lugar junto à sua nora. Então Noemi e Rute criaram um certo artifício para conseguirem esse *pai*, alcançarem a tão almejada paternidade. E que artifício foi esse? Após as recusas iniciais, procuraram sabiamente o parente mais abastado. Estando sem nada, na penúria, aproximaram-se daquele que era portador de recursos, e ficaram vivendo próximas às terras pertencentes àquele parente, recolhendo restos da colheita feita pelos empregados, para se alimentarem. Boaz, ao tomar conhecimento da situação, orientou seus servos para deixarem cair propositadamente alimento para Noemi e Rute. Motivo para o verso de Victor Hugo: *Seu feixe não era nem avaro...*

A trama do artifício propiciou então uma situação sub-reptícia: numa certa ocasião em que Boaz bebeu um pouco mais Rute entrou na sua tenda e... digamos, comprometeu-o ao ponto de conduzi-lo à paternidade desejada por aquelas duas mulheres, Noemi e Rute. Ao se dar conta desse fato irrevogável, Boaz o assume, aceita essa paternidade... cúmplice, podemos dizer. Daí a parte seguinte expressa no verso de Hugo: *...nem odiento*.

Mas, descobrimos por meios inconscientes, paternidade não é uma coisa simples, e contém uma dimensão de não-saber, expresso também pelo poeta: *Boaz não-sabia que uma mulher estava lá / E Rute não sabia o que Deus queria dela.*

No caso *Schreber*, conforme apresentado por Freud e relido por Lacan, compreendemos parcialmente o que pode representar a complexidade da paternidade, revelada numa determinada estrutura onde a metáfora paterna não funciona. Não funcionando o significante primordial referente à metáfora paterna o conjunto do sistema significante desmorona. Foi o *crepúsculo*, no dizer do próprio Schreber. Ao ser internado pela segunda vez, o professor Flechsig o recebeu, e lhe disse umas coisas muito interessantes. O doutor Schreber havia sido alçado a uma função superior, o que equívaleu a essa função paterna, recomeçando seus problemas fundamentais. Na ocasião o professor Flechsig lhe disse para não se preocupar muito porque haviam avançado nos últimos anos em termos de tratamento, adquirindo novas técnicas, métodos mais eficazes. E, aí foi que a coisa se complicou mais ainda, disse-lhe o professor Flechsig, para tranquilizá-lo, um deles é a sonoterapia, e o senhor vai ter um sono *fecundo*. Schreber, diante do termo *fecundo*, ao contrário do esperado pela aplicação do novo método adotado, não dormiu naquela noite, começou a delirar. *Fecundo*, palavra tão significativa para Schreber, não sendo por ele metaforizável, permitiu que, em lugar do *simbólico*, emergisse o *real* no delírio.

Tais exemplos fazem parte do contexto da *metáfora paterna*, enquanto mais uma tentativa para compreender o *Outro* trazido por Lacan, esse *Outro* que operacionaliza o conjunto da cadeia significante a partir da metáfora paterna. É a metáfora paterna que permitirá a articulação desses significantes que formam esse conjunto e que é um sistema, um sistema de remetência representado naquele vetor, denominado por Freud *associação livre*, algo que, para Lacan, funciona em havendo metáfora, isto é, quando um termo se sobrepõe a um termo anterior substituindo-o, sendo que o termo substituído, caindo sob a barra, jamais retorna ao mesmo lugar ocupado anteriormente. No exemplo trazido por Lacan o nome *Boaz* passou para baixo da barra, sendo substituído por *sua vara, sa gerbe*. Assim funcionou a metáfora apresentada pelo poeta em sua leitura de uma outra metáfora pertencente à mítica na mitologia Judaica, uma metáfora para a procriação, uma metáfora paterna.

Pode nos parecer simples, possível, pois para neuróticos há a presença do significante como resposta ao apelo ao Nome-do-pai para simbolizar a ausência da mãe. O exemplo de Freud para ilustrar a operacionalização disso foi o carretel com que seu neto o expressou no *fort-da* apresentado em *Mais além do princípio de prazer*. No entanto, na psicose, o significante que deveria advir, presentificar-se em função de uma ausência, a materna, não vem. Este seria o significante referente à metáfora paterna. O pai é uma metáfora, o elemento substitutivo ao desejo materno. Quanto ao *Outro*, não vai funcionar, não se articulará numa estrutura psicótica, permanecendo excluído, como se não existisse. Então esta é uma das formas que nos permite uma certa aproximação com a teoria da metáfora paterna apresentada por Lacan no contexto de sua teoria sobre o significante, ou, ainda poderíamos dizer, sobre o esquema da metáfora sendo operacionalizado a partir da própria metáfora paterna.

Deixou-lhes, então, mais uma sugestão de leitura, a do Livro de Rute, para exemplificar a teoria lacaniana sobre esse assunto. Quando o lerem, e espero que o façam, observem com atenção no papel da personagem Noemi, a sogra, pois poderão descobrir outras coisas na função daquela sogra, pois aqui só está sendo a sua preocupação em deixar geração ao nome do pai dos seus filhos. Se, enquanto a *metáfora paterna* substitui a ausência da mãe, isto é, seu desejo, sua possibilidade está articulada à *função paterna*, a de procriar, numa geração contínua do Nome-do-pai. E Boaz aí comparece, no contexto de uma função, a de restituição de um patronímico ameaçado de desaparecimento. Aquela sogra não aceitou não haver uma linhagem para o nome do seu filho, com todas implicações de sua apreensão na rede do nome do pai dos seus filhos e dessa relação com o desejo de sua própria mãe ao redor do nome de seu próprio pai. Ela buscou restituir para o seu filho o nome do pai. Será a função de uma sogra equiparável à de uma mãe? Uma mãe é aquela mulher que gera outro ser, mas também deve dar à luz o nome do pai ao filho que gera, permitindo-lhe o exercício da metáfora paterna.

[*Neste ponto há uma longa intervenção da parte de um dos presentes, não registrada pelo gravador*]

E onde ficou o patronímico aí?

[*Nova intervenção, também inaudível*]

A essência da linhagem patronímica, na perspectiva falocêntrica de Freud e de Lacan, reside na incidência sobre a dimensão da instituição do campo simbólico a partir da relação das trocas simbólicas, estabelecida através da troca de mulheres, sistema que permite a preservação do patronímico. Assunto polêmico este, o da prevalência do sistema de organização social patriarcal, diante da alternativa para uma origem matriarcal. Mas de qualquer forma, em qualquer sociedade, há que existir uma combinatória que funde e mantenha alguma relação simbólica, aquilo que a psicanálise denomina em *Nome-do-Pai*, isto é, alguma vertente a viabilizar a metaforização do desejo materno. Isto porque, ao falarmos em metáfora paterna, estamos a fazer referência a leituras possíveis do desejo advindo deste *Outro primordial, o desejo materno*. É o que sobretudo indica o *Nome-do-Pai*.

Nisso reside a função do pai enquanto metáfora paterna: *interpretar o desejo materno*. Se falamos dos traços apagados, dos rabiscos, da falha de tradução originária do recalque, do trabalho de análise para a tradução desses traços apagados, deve-se a que a Psicanálise tenta nos dizer que há uma possibilidade pela via da metáfora paterna de se traduzir o desejo materno, interpretando-o, ou melhor dizendo, reinterpretando-o, pois uma interpretação anterior já houve, elaborada pela criança, sendo que a mantém como incógnita, por não se lhe apresentar sendo a mais adequada.

Eu paro por aqui e agora a gente pode conversar mais...

Num intervalo, em conversa, alguém se perguntava, sobre onde está o sujeito nessa história toda, e, como há aí o imaginário imbricado, poderíamos remeter, por essa via, ao simbólico, refletindo-nos por um espelho literário. Creio que conheçam, e então só faria lembrá-los - se não o conhecem, lhes estimularia sua leitura - um conto de Guimarães Rosa chamado *O espelho*. Naquele conto há um viés da destituição imaginária muito próximo ao que corresponderia, por analogia, ao que, numa situação de análise, se faz em termos do que seria um deslocamento da relação imaginária para uma relação simbólica, só possível via o que designamos a metáfora paterna. Guimarães Rosa, de forma muito parecida com a narrativa de Freud sobre a destituição egóica, fez a sua personagem indagar-se, diante do espelho, diante do imaginário, *você chegou a existir?* O espelho virtual, invertido, servindo não para o reflexo do acréscimo dos adornos, dos agalmas, mas para subtração dos mesmos até o ponto limite, último, resto que se indaga sobre sua estúpida e inefável existência, eu despojado. Texto elucidativo aquele - aliás Machado de Assis também abordou a questão em *O alferes* - em relação ao sujeito para a Psicanálise. Sujeito cuja existência provém de. Do desejo. Nada mais. E ainda mais, sujeito nesse lugar vetorizável, entre significantes, aqui [ → ], evanescente, em relação ao inconsciente.

[*Alguém retorna às questões referentes aos traços apagados*]

Uma outra questão trazida no intervalo - e, parece, para isto há intervalos - foi a respeito do exemplo *EI*. Naturalmente devemos distinguir os elementos sígnicos dos significantes. Os sígnicos são universais, perpassam pela cultura. Mas os elementos significantes são absolutamente particulares. Não há um grande Outro coletivo, sendo absolutamente particular a cada sujeito, sua composição de articulação significativa. Não há, portanto, um grande Outro coletivo, assim como não há um grande Outro do grande Outro, isso não existe para a Psicanálise. O que há é o Outro para cada sujeito enquanto puro sistema de articulação significativa, não ente existente. Fora disso nós estamos no campo sígnico, este sim, da cultura, esse sim, universal, contendo elementos que podem ou não constituir-se em significativa para o sujeito, na medida em que, afinal de contas, é através da palavra que nós fazemos a apreensão da cultura, podendo, por esse meio, algum fato lingüístico tornar-se

significante para o sujeito. Mas nunca de modo universal enquanto significante particular a determinado sujeito. Então, esses traços apagados poderão se constituir em campos associativos significantes para o sujeito. Segundo Freud - se foi assim que ele teria formulado sua teoria sobre o recalque - havendo alguma falha na tradução desses traços para o campo significante, se formará sintoma, o qual exigirá incorporar-se à sua cadeia ... No caso de *EI*, a relação ali foi com a morte, não uma morte qualquer, como as mortes que aparecem durante a viagem de Freud, mas na mediada em que estiveram associadas à morte do pai, promovendo um esquecimento, um sintoma associado a partir de um elemento universal, *Ellí*, pai na forma de um Deus, apropriado por Freud de um outra forma...

[Alguém retorna às questões referentes aos traços apagados enquanto esquecimento]

Sim, mas aí estamos diante daquilo que Lacan chamou *hiância*, ou seja, a hiância é estatuída a partir da primazia do significante. A antecedência dos significantes à leitura de qualquer significado promove uma hiância, cujo espaço o sujeito tenta preencher com significações. Então, esse espaço é... como, por analogia, no campo da antropologia, se denomina natureza, sociedade e cultura. E, para o sujeito, em sua singularidade, estaria em relação a esses traços apagados constituídos em significantes que não lhe dão acesso ao significado originário. Esse intervalo, esse hiato é preenchido por significações...

Antônio: ...traços apagados... [a intervenção não foi registrada]

Em havendo metáfora, haverá *Verdrängung* desses traços; em havendo metáfora haverá *Verwerfung*, ou seja, não haverá uma relação possível entre esses traços e os significantes. Em não havendo metáfora. É mais ou menos da seguinte maneira: no exemplo do teclado de uma máquina de escrever ou de um computador, a gente sabe que para usar o elemento mínimo indivisível da língua, a letra, é preciso que tenhamos o conjunto da língua ao ordenar a letra. Há aí um sistema, um conjunto, o que implica em dizer só ser possível a formulação de qualquer frase desde que possamos fazer uso da língua, no sistema que a rege, ou seja, se as pontuações, se esse conjunto gramatical, se toda a semântica disponível puder compor uma frase, mesmo uma frase composta por uma única palavra, combinada por letras, ou por uma única letra. Podemos decompor palavras, mas não a letra. A letra é indivisível. Então, se nós falamos e escrevemos usando alguns poucos elementos gráficos, o que a metáfora permite é estabelecer uma *relação* entre uma letra e outra, permitindo a composição combinatória. Diante do mecanismo de defesa chamado *Verwerfung*, estaremos frente ao que se traduz como forclusão (mas podemos traduzir por preclusão). Se houver *preclusão*, o sujeito não vai conseguir estabelecer a relação de substituição necessária à metáfora. Está, portanto, na relação, de onde a ênfase sobre a vetorização, →. É a relação que permite estabelecer ou um mecanismo ou outro na conversão desses traços em significantes. Haverá, no caso da preclusão, na *Verwerfung*, algo que vai falhar, que é a impossibilidade da *relação presença-ausência* ser simbolizada. O *simbólico* é excluído, advindo o delírio..., isto é, o *real*, aquilo que não encontra representação nem imaginária nem simbólica.

Antônio: ...traço apagado... ...formação... [a intervenção sobre a formação do analista não foi registrada]

É uma questão perene. Podemos começar a tratá-la a partir do texto de Freud *A questão da análise leiga*. E também num pequeno trecho de uma carta que Freud escreveu ao Pfister. Vocês devem conhecer Oscar Pfister, aquele que, a meu ver, substituiu Jung numa amizade para com Freud que durou até o fim da vida deste, sendo seu confidente mais próximo. Curiosamente, era um Pastor da Igreja Reformada Suíça, conhecedor de teologia e provavelmente quem haja transmitido a Freud as informações que estão contidas no texto *Moisés e o monoteísmo*. Pois bem, num determinado momento, discutindo a respeito de *O futuro de uma ilusão*, Freud disse-lhe mais ou menos assim: *você reparou que eu escrevi A análise leiga para proteger a psicanálise dos médicos? E O futuro de uma ilusão para protegê-la dos sacerdotes?* E Pfister era um sacerdote. *Eu penso que* - isso é Freud escrevendo - *eu penso que a psicanálise seja uma nova profissão*, afirmando sua ruptura com outros campos do conhecimento e sua radical diferença em relação à medicina e à religião. Então, Antônio, a

questão da psicanálise leiga é fundamental para nós, havendo sido retomada por Lacan, pois, afinal de contas, a gente sabe que a IPA fechou quase todas as possibilidades para analistas que não tivessem formação médica, e na maior parte das vezes, transformou a psicanálise num apêndice da psiquiatria. Começamos então na questão da análise leiga a partir da análise pessoal. Como ser analista sem uma análise pessoal? É difícil, não recomendável. Essa é uma questão fundamental, não se tratando de burocratizar a questão, mas enfatizar o aspecto da distinção já ressaltada entre o que seja análise e o que seja psicanálise. Em relação ao desejo de ser analista pode até mesmo anteceder a própria análise, mas deve passar pelo crivo da própria análise, o que ressalta um outro aspecto da mesma questão, a distinção entre *o desejo de ser analista* e *o desejo do analista*.

Bem, além dessas considerações, há a relativa à instituição, e diante da apreciação que nutrimos pelos clássicos, não poderíamos deixar de mencionar a importância de que se reveste a leitura de um texto de Aristóteles sobre *política*, no sentido de que pode nos ajudar a pensar na instituição psicanalítica enquanto *polis*. A instituição psicanalítica é inevitável e necessária, condizente à ética da psicanálise, podendo se constituir em nossa *ágora*, lugar próprio ao debate, à troca de idéias e experiências. Infelizmente, a contrapartida é a rivalidade, a vaidade, a luta pelo poder, questões relevantes e inescapáveis, sobretudo ao notarmos o quanto as instituições se transformam, inestuosamente, em negócios de família. Isto não deve significar abdicarmos dos mais elevados propósitos possíveis na instituição, e podemos começar a subverter radicalmente a questão ao revertermos a questão. O imbricado do problema atinge o analisando pela via do analista, sobre o qual repousa sua própria análise, formação e reconhecimento, e para dar conta disso Lacan propôs o *passee*, o que, diga-se de passagem, até hoje não deu certo em canto algum, o que não quer dizer não ser relevante. Mas, se invertermos a questão, ou seja, não ser a instituição a reconhecer o analista, e sim o analista a reconhecer a instituição, minimiza o poder a que se outorga a instituição através da burocratização e da manipulação transferencial. Há uma formalização imprescindível, e deve haver o compromisso da oferta à formação do analista, inencontrável em outro tipo de instituição, sobretudo as de molde acadêmico. A esta restaria a formação de pesquisadores e pedagogos, mas não analistas. Nem todos os que se dirigem a uma instituição psicanalítica buscam formação psicanalítica, mas esta é sua função precípua. Quanto ao reconhecimento estaria numa outra dimensão, inclusive distinta da do *passee*. As relações transferenciais, felizmente, continuam a promover possibilidades para além de toda a burocracia e manipulação, apesar das resistências imaginárias, como na IPA, por exemplo, na qual todo o poder foi outorgado à própria instituição, também nas grandes empresas multinacionais tanto quanto nas micro empresas familiares lacanianas. A maneira de se obter melhores frutos que a psicanálise pode certamente oferecer, pois a Psicanálise será sempre superior às instituições que se formam ao seu redor, é questionarmos sempre, sem submissão a mestres e senhores, retornando sempre à letra freudiana.

Há, para nos ajudar a seguir o caminho das pedras, a fórmula elaborada por Lacan na proposição de nove de outubro de mil novecentos e sessenta e sete, apresentada aqui, a qual deve ser constantemente referida, pois é definitiva: *de início, o psicanalista não se autoriza senão dele mesmo*. Já há *o psicanalista*. Como veio a sê-lo? Uma coisa é certa: não o foi por meios solipsistas, pois, já vimos, a posição de um sujeito em relação ao inconsciente depende da posição de outros sujeitos. Não é uma coisa solipsista, não é algo da ordem da introspecção. Ninguém faz auto-análise, isto não existe. Há o analista enquanto aquele que não se autoriza de nenhum outro nem autoriza a outro. Existem vários ritos de passagem na nossa tradição cultural, mas podemos nos referir, por exemplo, à excelência desejada na transmissão da filosofia: um filósofo não é um sujeito que devaneia, como pretende por vezes o uso do termo, um filósofo deve retomar toda a história do pensamento filosófico, e o será se propuser na forma de sistema algo a mais. Na religião algo parecido se passa. O sujeito só é teólogo se retoma toda a história da teologia e propõe algo novo em relação a história que o antecede. E, no exercício do sacerdócio, só vai poder exercê-lo em função de uma transmissão autorizada com a aposição das mãos das autoridades ancestrais sobre sua cabeça. Então há esse tipo de transmissão explicitada e reconhecida por outros, como no *passee* pelo gestual. E na Psicanálise, como tornar-se analista sabendo-se de antemão não haver tal aparato imaginário, sendo uma decisão solitária, simbólica, como resultado de análise? Ao mesmo tempo, há a via

necessária do rigor na teorização, na formalização da Psicanálise, contrapondo-se, pelo viés crítico comparativo, sistemático, aquilo que é de nosso exercício com o que se estabelece em outras áreas para por à prova se há consequência no que fazemos no campo do conhecimento.

[*Intervenção de Líliana...*]

...para não se tornar uma prática que poderá redundar em outra coisa, sem o rigor necessário para o exercício do nosso cotidiano. Então, no campo da formalização, algo se estatui dessa maneira. Naturalmente, nem todos os analistas buscarão dar conta de tudo isso, nem quer dizer que aqueles que o tentam darão conta de sua prática, mas as questões inevitáveis se põem para pôr à prova a nossa prática. É possível sermos analistas sem nos darmos conta, afinal de contas, de toda essa formalização, porque há algo da experiência da própria análise que o permite. Como há outros sujeitos cujo trabalho teórico é admirável - você citou o Garcia-Roza, um dos leitores mais rigorosos de Freud. Eu o leio com muita atenção, porque ele escreve melhor do que a maior parte dos psicanalistas que conheço. Podemos aprender com ele na medida em que encontramos na sua leitura esse aspecto da formalização na qual a descoberta do campo freudiano mantém-se condizente com os resultados de outras áreas do saber, sendo a Psicanálise, em sua teorização, em sua formalização, posta à prova diante de outros saberes. O analista pode dar conta, acredito, do seu trabalho como analista, a partir de sua própria experiência de análise, mas não conseguirá evitar as questões que cercam seu trabalho, além do que, no campo do desejo do analista a psicanálise aí estará enquanto objeto *a*, sintoma de ser analista. Há, portanto, exigências sintomáticas no nosso trabalho, inescapáveis. E é por isso que nos enveredamos por essas vias...

[*Intervenção inaudível na gravação.*]

...ah! sim, filho enquanto significação fálica, numa relação entre pai, mãe e criança estabelecida a partir de uma significação do *falo* (.....) a requerer estatuir-se sujeito, desejante, operacionalizando esse desejo por via de uma metáfora qualquer. Fruto de uma herança de desejos caóticos, a vida poderá resultar numa repetição de desejos que ignora a proveniência... passando a vida repetindo coisas sem se dar conta dessa repetição por faltar-lhe alguma leitura desses desejos. Sim, podemos designar por metáfora paterna essas leituras desses desejos que a análise nos permite. Campo do simbólico. E em sendo simbólico, significante.

[*Outra intervenção não registrada*]

Claro, há sempre o risco do engano nessas leituras, até mesmo porque, no dizer de Lacan, o significante e o desejo dormiram juntos, isto é, à revelia do sujeito. Seremos sempre, de algum modo, traídos pelo desejo e enganados pelo significante... Constatar isto pode até mesmo servir para se evitar a exacerbação narcísica, sempre pronta a inflar-se da jactância de algum pseudo-saber... a exacerbação narcísica é chata, boba, enfadonha. O narcisista é, acima de tudo, um chato. Aliado à paranóia então..., nem se fala, é aquele cara que nem tropeça na própria vaidade, paranóico perfeito. Costumam se apresentar como matemáticos, topólogos, enfim, variáveis da psicologia... para os quais a linguagem é, acima de tudo, comunicação, compreensão lógica.

[*Intervenção sobre apresentação de casos clínicos.*]

... pessoas que não fazem análise com um sujeito que escreve. E se a fizesse, o analista não deveria tecer tais considerações publicamente, não acha? No máximo poderia se escrever sobre a morte e o suicídio, mas não vir a público para atender à demanda da mídia. Tecer considerações sobre o suicídio é uma coisa, é diferente de se abordar publicamente a respeito de algum ex-analisante, algo imperdoável. Pode-se perdoar muitos erros num analista, mas tratar com indiscrição algum problema que lhe foi confiado torna-se excesso intolerável, como nessa situação limite que você mencionou. Quanto a situá-lo no plano de uma chamada clínica do real, talvez possamos melhor situar no que poderíamos considerar como clínica referente ao nó borromeu, isto é, às dimensões de *real*, *simbólico* e *imaginário* na fala do sujeito em análise.

Acho que podemos ficar por aqui... Agradeço-lhes a oportunidade dessa fala, só possível pela paciência de sua escuta. Até breve.

\*\*\*

Transcrição e digitação: **Alexandre Nogueira Pessôa e Isabella Nogueira Pessôa**  
Revisão : **Eugênia Maria Simões Cezar Menezes**  
Arte e Editoração final: **João Rego**

*Inscritos no Traço*

Adriana Fontes Melo	(081)468.3585
Ana Lúcia Bastos Falcão	(081)423.6757
Andrea Galindo	(081) 241.5604
Antônio Augusto Alves Maciel	(081)268.6242/241.8418
Edna Maria Porto	(083)226.4303/224.0485
Eugênia Maria Simões Cezar Menezes	(081)268.0903
Everaldo Soares Jr.	(083)225.1572/224.3554
Fernanda de Almeida Amazonas	(081)231.6449
Gedalva Januário Rapela	(081)268.3596/231.2636
Genildo Cordeiro	(081) 231.3820
João Carlos Romano Ayres	(083) 226.4303
João Rego	(081)222.1877/268.7123 email:jregos@pobox.com
Juliana de Barros Guimarães	(081)423.0583/ 421.1370
Lidia Goldfarb	(081)268.5592/424.3818
Luciane de Araújo Batista	(081) 325.0669
Manoel Gomes de Andrade Lima	(081)222.1745/326.9301
Paulo Roberto Medeiros	(081)228.6611/459.1114 prmedeir@elogica.com.br email:
Pedro Leonardo de Lucena Rodrigues	(081)241.9495/268.8030
Rachel Rangel Bastos	(081)268.7123/431.1402 ebastos@elogica.com.br email:
Rejane de Castro e Silva Tenório Cavalcanti	(081)341.1974
Stela Gueiros	(081)241.3504/241.1077
Taciana de Melo Mafra	081)268.3730/268.4136(082)241.9598

**Conselho de Administração**

Genildo Cordeiro  
Lidia Goldfarb  
Luciane de Araújo Batista

**Biblioteca**

Eugênia Maria Cesar Simões Menezes  
Edna Maria Porto  
Juliana de Barros Guimarães

**Publicações:**

**Cadernos do Traço**

João Rego

**Revista VEREDAS**

Taciana de Melo Mafra  
Adriana Fontes Melo  
Edna Maria Porto  
Juliana de Barros Guimarães  
Pedro Leonardo de Lucena Rodrigues

**Gazeta**

Paulo Roberto Medeiros

**Correspondentes em Paris:**

Adriana Fontes Melo  
Juliana de Barros Guimarães



Ficha Técnica
Transcrição e digitação: Alexandre Nogueira Pessoa e Isabella Nogueira Pessoa Revisão : Eugênia Maria Simões Cezar Menezes Capa: Quadro em óleo <i>Os últimos dias de Sócrates</i> - de Ru Dien-Jen Arte e Editoração: João Rego
Uma Publicação do  <b>Traço</b> Freudiano <b>Veredas</b> Lacanianas Fundado em 1992 Instituição <b>convocante</b> para a Reunião <b>Lacanoamericana</b> de <b>Psicanálise</b> e para <b>Jornada</b> Freud - <b>Lacanianas</b> de Psicanálise  Av. Flor de Santana, 172 - Parnamirim Recife, PE Brasil CEP 52060-291 Fone (081) 268.4136  e-mail: <a href="mailto:traco@concentric.net">traco@concentric.net</a>  <b>website</b> : <a href="http://www.concentric.net/~traco/index.htm">http://www.concentric.net/~traco/index.htm</a>